

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
BACHARELADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL
PLAGEDER

NAYARA DA SILVA DE ARAUJO

**ORGANIZAÇÃO SOCIOPRODUTIVA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DOS
TEIXEIRAS NO MUNICÍPIO DE MOSTARDAS, RS**

Mostardas, RS

2022

NAYARA DA SILVA DE ARAUJO

**ORGANIZAÇÃO SOCIOPRODUTIVA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DOS
TEIXEIRAS NO MUNICÍPIO DE MOSTARDAS, RS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Rumi Regina Kubo

Coorientadora: Prof^ª. Dra. Judit Herrera
Ortuño

Mostardas

2022

NAYARA DA SILVA DE ARAUJO

**ORGANIZAÇÃO SOCIOPRODUTIVA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DOS
TEIXEIRAS NO MUNICÍPIO DE MOSTARDAS, RS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Aprovada em: Porto Alegre, 19 de julho de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Daniela Dias Kuhn – DERI/ PGDR/ UFRGS

Prof. Ms. Carolina Silveira Costa - PGDR/UFRGS

Prof. Ms. Catia Grisa – CLN/ PGDR/ UFRGS

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, por estar ao meu lado me guiando, me protegendo, me dando discernimento e me abençoando ao longo desta caminhada.

Bem como aos meus pais, minha mãe Magda Araujo a qual deu início a esta jornada, me impulsionando a estudar, se dedicando e que sempre esteve do meu lado e ao meu pai Jorge Araujo que sempre me deu tudo de melhor, me protegeu, me cuidou e me incentivou a crescer.

Da mesma forma que sou grata a todas as pessoas que se disponibilizaram a me ajudar compartilhando seus saberes e seus conhecimentos, sem cada um de vocês essa conquista não seria possível.

Gostaria de agradecer a Orientadora Carima Atiyel que sempre se disponibilizou a ajudar no que fosse possível, a ensinar, a explicar, a compreender e que traz luz consigo.

Também quero agradecer Orientadora Judit Ortuno e a Professora Rumi Kubo ambas, em especial nesta reta final, pelos ensinamentos, paciência, dedicação e incentivo tornando possível a construção deste trabalho.

RESUMO

O município de Mostardas, situado no Litoral Norte do Estado do Rio Grande do Sul, apresenta em seu território três comunidades quilombolas, a comunidade da Casca, a dos Colodianos e a dos Teixeiras, juntas compondo cerca de duzentas famílias. A comunidade quilombola dos Teixeira, foco desta pesquisa, localiza-se na área rural do município, sendo formada através da “deixa” de terras do Campo da Caieira pelos “irmãos Teixeiras” a seus escravos por testamento em 1818. Atualmente o Quilombo Teixeiras conta com oitenta famílias, tendo sido reconhecido pela Fundação Cultural Palmares em 2005. O tema de pesquisa deste trabalho foi a organização socioprodutiva da Comunidade Quilombola dos Teixeiras, tendo como objetivos descrever a história da comunidade e sua ligação com a terra, assim como analisar sua organização socioprodutiva. A metodologia utilizada para a coleta de dados foi a revisão bibliográfica e entrevistas semiestruturadas a duas famílias da comunidade. Com a pesquisa foi possível evidenciar que a comunidade dos Teixeiras apresenta duas formas distintas de organização produtiva, uma de menor escala, voltada para o consumo da própria família e a venda de excedentes, e outra de grande escala, baseada principalmente no cultivo de arroz e na comercialização por meio da Associação Quilombola dos Teixeira.

Palavras-chave: Quilombo. Organização socioprodutiva. Quilombo dos Teixeiras. Desenvolvimento Rural.

RESUMO EM INGLÊS

The municipality of Mostardas, located on the North Coast of the State of Rio Grande do Sul, has three quilombola communities in its territory, the Casca community, the Colodianos community and the Teixeiras community, together comprising about two hundred families. The quilombola community of the Teixeira, the focus of this research, is located in the rural area of the municipality, being formed through the “leave” of lands in Campo da Caieira by the “Teixeiras brothers” to their slaves by testament in 1818. Currently, Quilombo Teixeiras counts with eighty remaining quilombo families, having been recognized by the Palmares Cultural Foundation in 2005. The research theme of this work was the socio-productive organization of the Quilombola dos Teixeiras Community, with the objective of describing the history of the community and its connection with the land, as well as how to analyze its socio-productive organization. The methodology used for data collection was a literature review and semi-structured interviews with two families in the community. With the research, it was possible to show that the Teixeiras community has two different forms of productive organization, one on a smaller scale, aimed at the consumption of the family itself and the sale of surpluses, and another on a large scale, based mainly on the cultivation of rice and in marketing through the Teixeira Quilombola Association.

Keywords: Quilombo. Socio-productive organization. Quilombo of Teixeiras. Rural Development.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa ilustrativo com a localização das comunidades quilombolas de Mostardas, RS	17
Figura 2 – Mapa com a localização das comunidades quilombolas do Rio Grande do Sul	18
Figura 3 – Casa dos negros (esquerda) na Rua Independência e casa açoriana (direita) na Rua XV de Novembro, Mostardas, RS	32
Figura 4 – Produtos da comunidade dos Teixeiras comercializados na feira de Mostardas, RS	34
Figura 5 – Eva Dias e os produtos que comercializa na Feira de Mostardas, RS	39
Figura 6 – Produção de Arroz e Milho da família Carneiro	41

LISTA DOS QUADROS

Quadro 1 – Tabela das informações gerais da comunidade quilombola dos Teixeiras, Mostardas, RS	20
Quadro 2 – Testamentos que deram origem à comunidade quilombola dos Teixeiras, Mostardas, RS	29
Quadro 3 – Quadro analítico do movimento quilombola no município de Mostardas, RS	30
Quadro 4 – Estrutura fundiária de Mostardas, RS	31
Quadro 5 – Tipo de Público rural atendidos pela Emater em Mostardas, RS	32

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Comunidades quilombolas no Rio Grande do Sul	19
Tabela 2 – Estimativa de famílias quilombolas produtoras por cultura e destinação da produção no município de Mostardas, RS	37
Tabela 3 – Produção da família Dias	39

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 OBJETIVOS DE PESQUISA	13
1.1.1 Objetivo Geral	13
1.1.2 Objetivos específicos	13
1.2 ORGANIZAÇÃO DO TCC	13
2. METODOLOGIA	14
2.1 LOCAL DE PESQUISA	17
3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	21
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS	26
4.1 A HISTÓRIA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DOS TEIXEIRAS	27
4.2. PRODUÇÃO AGRÍCOLA E LIGAÇÃO COM A TERRA	31
4.3 ORGANIZAÇÃO SOCIOPRODUTIVA DOS TEIXEIRAS	35
4.3.1 Organização socioprodutiva na família dos Dias	38
4.3.2 Organização socioprodutiva na família dos Carneiros	40
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44
APÊNDICE:	49
Apêndice A	49

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho discorre sobre a organização socioprodutiva da Comunidade Remanescente de Quilombolas da localidade dos Teixeiras no município de Mostardas, estado do Rio Grande do Sul. Apesar de constituir-se de uma categoria amplamente presente na região, os quilombolas não se encontram dentre os grandes produtores da região, visto que muitos cultivam basicamente para o próprio consumo familiar. É possível aliar este fato ao apagamento social decorrente da desigualdade racial existente na estrutura da sociedade, que se reflete diretamente no meio rural.

A cidade de Mostardas tem destaque historicamente por duas importantes referências socioculturais: os açorianos e os africanos, sendo assim uma cidade afro-açoriana. A história do município aponta para uma vasta diversidade na formação das referidas comunidades quilombolas. Porém, infelizmente, ainda existe a ligação com um universo preconceituoso, com resquícios de um período colonial escravocrata que se reflete diretamente na relação destas comunidades com o meio social e produtivo.

É possível afirmar que as desigualdades sociais com relação à comunidade quilombola ocorrem desde os primórdios, cabendo ressaltar que este fato está estritamente ligado ao pensamento da sociedade escravocrata instituído no Brasil. Já em contrapartida, essas comunidades emergem como uma organização informal composta pelos descendentes de escravos, que posteriormente, sobretudo, após a Constituição de 1988 vieram a construir associações jurídicas para lutarem pela justiça racial, igualdade de direitos, equidade social e resgate cultural.

De acordo com dados fornecidos pela Prefeitura Municipal de Mostardas, no município, o movimento quilombola propriamente dito, iniciou a partir da década de 60, quando os remanescentes de quilombo se organizaram em grupo com a finalidade de defender os interesses de sua comunidade. A partir deste marco histórico, as comunidades quilombolas locais passaram a buscar o resgate da ancestralidade africana, tanto as crenças, quanto os hábitos e culinária, bem como a regularização de terras e a luta ativa contra o preconceito.

O movimento social dos quilombolas no município de Mostardas engloba três comunidades: a da Casca, dos Colodianos e dos Teixeiras. O movimento derivou da necessidade de uma organização sociopolítica desses grupos para garantir seus direitos bem como um modo de união e preservação de suas referências culturais. Atualmente, conforme informações constantes na base de dados da Fundação Palmares, a terra da Comunidade da

Casca, no município de Mostardas, é a única das três com Titulação de Comunidade Quilombola, entretanto ainda parcial.

No que tange à legislação referente às comunidades quilombolas, tudo que temos na atualidade advém do artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, insculpido na Constituição Federal de 1988, que dispõe: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.” (BRASIL, 1988, Art. 68).

O conceito de quilombo está relacionado à luta pela liberdade, sendo que na atualidade a luta não é mais contra a escravidão, mas sim para que os sujeitos pertencentes à comunidade do quilombo tenham autonomia, sejam reconhecidos nas políticas públicas e possam desenvolver suas atividades. Este sentimento de pertencimento faz parte da identidade coletiva dos indivíduos que é primordial para preservar o fortalecimento do grupo e para assim manter sua continuidade.

Os laços de solidariedade entre os negros fortalecem a auto-identificação e o sentimento de pertencimento enquanto famílias remanescentes de quilombos, reunindo-as no território rural, onde esses sujeitos se estabeleceram e se organizaram, e aonde vem operando para manter o grupo unido.

Em Mostardas especificadamente, a produção socioeconômica do quilombo dos Teixeiras mantém os modos, costumes e práticas agrícolas de autoconsumo para o sustento familiar, bem como de produção em maior escala. O termo organização socioprodutiva é compreendido nesse trabalho como os modos de organização das famílias e comunidades para a produção de alimentos. Assim sendo, a utilização desse conceito na presente pesquisa busca compreender quais tipos de organização interna são adicionados pelos sujeitos da comunidade quilombola dos Teixeiras na tomada de decisões a respeito de sua produtividade. Seja dentro da propriedade, ou seja, na comunidade, através da Associação Quilombola dos Teixeiras.

Surge assim o questionamento de que, a autonomia econômica da comunidade é um fator que pode refletir diretamente como forma de evitar o êxodo rural do grupo e de preservação da cultura, tendo em vista que um dos principais apontamentos para os sujeitos evadirem do meio rural é pela busca por um futuro melhor e maiores oportunidades de trabalho.

Essas questões que constituem o grupo quilombola, a sua história, sua organização e que fazem com que mantenham sua sobrevivência mobilizaram a autora pela escolha da temática de analisar a organização socioprodutiva da comunidade quilombola dos Teixeiras.

Assim este trabalho tem, então, como foco de pesquisa a organização socioprodutiva da comunidade quilombola dos Teixeiras em Mostardas.

Pretende-se identificar a organização produtiva do grupo, apontando, principalmente, como os sujeitos da comunidade vem desenvolvendo sua estruturação organizacional e produtiva. Assim sendo, a questão central da pesquisa é: como os Remanescentes de Quilombolas da Comunidade dos Teixeiras do município de Mostardas organizam sua produção enquanto grupo social.

Finalmente, o presente tema de pesquisa é relevante para o desenvolvimento rural, visto que, em um contexto histórico de discriminação e segregação racial, a produtividade agrícola na área rural desempenhada pela comunidade quilombola dá indicação de como pode vir a ocorrer o processo de conquista da autonomia econômica. Este trabalho busca, então, compreender a organização socioprodutiva da Comunidade dos Teixeiras e apontar sua ligação com o campo de estudos de desenvolvimento rural.

1.1 OBJETIVOS DE PESQUISA

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar a organização socioprodutiva da Comunidade Quilombola dos Teixeiras no município de Mostardas, RS.

1.1.2 Objetivos Específicos

- descrever a história da Comunidade Quilombola dos Teixeiras, destacando como a comunidade se organiza enquanto grupo social;
- descrever a produção da comunidade dos Teixeira, a ligação dos sujeitos com a terra;
- analisar os fatores que englobam a organização socioprodutiva da comunidade.

1.2 ORGANIZAÇÃO DO TCC

Este trabalho está organizado em cinco capítulos. O primeiro é esta introdução, onde se apresenta o assunto ao leitor introduzindo o tema de pesquisa que é a análise da organização socioprodutiva da Comunidade Quilombola dos Teixeiras no município de Mostardas-RS, junto com seus objetivos de pesquisa. Na segunda seção, descreve-se a metodologia utilizada para a coleta de dados a respeito da temática optando por um levantamento bibliográfico e pesquisa de campo.

Na terceira seção está o referencial bibliográfico que embasa e dá suporte teórico ao trabalho, na quarta seção está à parte mais extensa, onde são apresentados os resultados e a análise dos dados coletados ao decorrer da pesquisa e por último na quinta seção estão às considerações finais deste trabalho.

2. METODOLOGIA

Neste tópico, pretende-se apontar os procedimentos metodológicos do tipo de pesquisa utilizado, cabendo contextualizar o universo do estudo, o método de coleta de dados e a análise dos dados levantados.

A pesquisa científica é um processo de coleta e análise de dados sobre determinado tema, com a finalidade de apresentar reflexões que venham a responder ou aprofundar tal assunto assim como o objetivo de informar distintas perspectivas sobre o tema. Bastos e Keller (1995, p. 53) definem a pesquisa científica como: “[...] uma investigação metódica acerca de um determinado assunto com o objetivo de esclarecer aspectos em estudo”.

A presente pesquisa tem como universo de estudo a comunidade quilombola dos Teixeiras no município de Mostardas, comunidade que é composta por famílias descendentes de escravos que receberam propriedades na área rural dos antigos senhores e ali constituíram sua comunidade. O recorte da pesquisa se centra na descrição da história da comunidade e sua produção, analisando os fatores ligados à organização socioproductiva da comunidade.

Para isso, buscou-se lançar mão de um conjunto de técnicas de pesquisas com a combinação entre revisão bibliográfica, pesquisa documental, consulta a órgãos locais, como a prefeitura e escritório Emater local, entrevista semiestruturadas e acompanhamento de interlocutores da Comunidade Quilombola dos Teixeiras, além do aproveitamento de dados colhidos em situações anteriores, para a realização de trabalhos para as disciplinas do curso Plageder.

A revisão bibliográfica tem caráter informativo, correspondendo a uma revisão do material bibliográfico existente sobre a temática dos quilombolas, de modo que por meio do aprofundamento na perspectiva socioproductiva e na delimitação da região do litoral gaúcho, seja possível assim analisar a comunidade dos Teixeiras.

A pesquisa científica inicia habitualmente com uma ampla revisão bibliográfica para buscar obras já existentes relevantes para conhecer o tema-problema do trabalho de pesquisa, conhecendo melhor o universo de estudo e as pesquisas já realizadas no mesmo. Além dessa revisão inicial, as pesquisas científicas que baseiam sua metodologia na pesquisa bibliográfica procuram referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Dessa forma, a pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em artigos, livros, dissertações e teses (CERVO; BERVIAN,

1996). Os dados coletados são a base para o desenvolvimento teórico da pesquisa e devem ser analisados com a finalidade de apoiar e fundamentar o trabalho. Conforme Amaral, a pesquisa bibliográfica:

[...] é uma etapa fundamental em todo trabalho científico que influenciará todas as etapas de uma pesquisa, na medida em que der o embasamento teórico em que se baseará o trabalho. Consistem no levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa (AMARAL, 2007, p. 21).

Para Gil (2007, p. 44), os exemplos mais característicos desse tipo de pesquisa são sobre investigações sobre ideologias ou aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema. Em consonância, para Boccato (2006, p. 266), esse método de pesquisa busca a resolução de um problema por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa traz subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob qual enfoque e/ou perspectiva foi tratada o assunto apresentado na literatura científica.

Para a revisão bibliográfica foi consultadas a base de dados de acervos acadêmicos universitários principalmente da UFRGS e da UFPEL sobre o tema, em materiais como: artigos acadêmicos, monografias, revistas científicas, livros e teses e dissertações acadêmicas e também sites da web que abordem o tema do trabalho, para fundamentar a pesquisa e apresentar de forma sucinta o que existe de material sobre o tema até o presente momento.

O embasamento deste trabalho é fundamentado no levantamento dos resultados oriundos da pesquisa bibliográfica investigando e expondo a perspectiva criada pela autora com relação às informações estudadas e separadas de acordo com a delimitação deste trabalho para focar na questão quilombola, de sua organização socioproductiva e constituir um material com conhecimento teórico.

Com a pesquisa bibliográfica se encontrou um número vasto de material científico sobre a temática quilombola, buscou-se então o trabalho de afunilar a pesquisa, buscando cada vez mais direcionar-se ao objetivo de estudar a organização socioproductiva da comunidade quilombola dos Teixeira.

Como já foi citado, o presente trabalho busca, por meio da pesquisa, compreender como é constituída a organização socioproductiva da Comunidade Quilombola dos Teixeira, no município de Mostardas, descrevendo sua história e fatores sociais, analisando sua produção e destacando os fatores que englobam a organização socioproductiva da comunidade.

Para isso, o estudo está baseado em uma estratégia qualitativa de pesquisa, com caráter descritivo, utilizando-se de material documental para levantar dados sobre a comunidade dos Teixeiras. Com a metodologia qualitativa, pretende-se:

[...] descrever a complexidade de uma hipótese ou problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos experimentados por grupos sociais, apresentar contribuições no processo de mudança, criação ou formação de opiniões de determinado grupo permitir, em maior grau de profundidade, a interpretação das particularidades dos comprometimentos ou atitudes dos indivíduos (OLIVEIRA, 2007, p. 117).

Para complementar os dados da pesquisa bibliográfica, efetuou-se a consulta de acervos documentais particulares, assim como a consulta aos técnicos e dados junto ao escritório local da Emater-RS, na Prefeitura Municipal.

Também foram utilizadas informações sobre os quilombolas de Mostardas, colhidas em trabalhos de curso anteriores do Plageder, como o trabalho: *Comunidade Quilombola dos Teixeiras*, (2019) – disciplina Organização social e movimentos sociais rurais; *Identidade étnica e territorialidade na localidade dos Teixeiras e dos Colodianos*, (2019) – disciplina Identidade étnica e territorialidade; e *Comunidade quilombola Beco dos Colodianos*, (2019) – disciplina Impactos Ambientais e Etnoecológicos.

Além da pesquisa bibliográfica, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas junto a interlocutores da Comunidade Quilombola dos Teixeiras. As entrevistas podem fornecer dados primários: informações diretamente construídas no diálogo com o indivíduo entrevistado e tratam da reflexão do próprio sujeito sobre a realidade que vivencia (MINAYO, 2009), assim as entrevistas semiestruturadas são contatos sociais e não simplesmente meios passivos de se obter informações (MAY, 2004).

Foram escolhidas duas pessoas da comunidade para as entrevistas: Dona Eva, representante da família Dias e seu Márcio representante da família Carneiro. A escolha dos interlocutores foi baseada em uma breve análise das atividades produtivas que se destacam na comunidade dos Teixeiras, buscando trazer dois contextos distintos: de em lado uma maior escala produtiva com o arroz e o milho e de outro uma mais voltada para o autoconsumo e a comercialização na feira dos produtos.

Assim, com a família Dias elucida-se o contexto de uma família que baseia sua renda principalmente nos produtos da agroindústria caseira que são comercializados na Feira Freguesia da Terra em Mostardas, com uma propriedade de área menor e que são sócios da associação. E já com a família Carneiro traz-se um contexto de maior produtividade com a produção de arroz e milho como carro chefe da renda família e a representatividade da família

na associação sendo o patriarca da família um dos fundadores da Associação Quilombola dos Teixeiras, e seu filho atual tesoureiro.

Para as entrevistas, elaborou-se um roteiro semiestruturado e flexível de perguntas com o foco das questões na organização socioprodutiva das famílias buscando compreender como é constituída a família, como se organizam internamente, o que produzem como dividem as atividades e como comercializam os produtos, que está anexado no (Apêndice A) desse TCC. As respostas foram gravadas e o Termo de Consentimento Livre e Estabelecido está assinado por um membro de cada família.

A análise dos dados coletados tanto da pesquisa bibliográfica como das entrevistas foi efetuada destacando os pontos mais relevantes em relação à delimitação e os objetivos do trabalho de pesquisa.

2.1 LOCAL DE PESQUISA

O local de estudo do trabalho foi no município de Mostardas, no litoral sul do Estado do Rio Grande do Sul, num istmo formado pela Laguna dos Patos e o Oceano Atlântico. Este município tem uma área de 1.983 km² e uma população de 12.888 habitantes (IBGE, 2021), sendo de origem afro-açoriana, como anteriormente exposta no trabalho.

No mapa a seguir é possível visualizar a localização das comunidades quilombolas do município de Mostardas, as do Estado do Rio Grande do Sul e na tabela abaixo estão os nomes das Comunidades e os municípios que elas pertencem. O Estado do Rio Grande do Sul tem 146 comunidades quilombolas identificadas. (ATLAS, 2020).

Conforme levantamentos divulgados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, Fundação Cultural Palmares, Comissão Pró-Índio de São Paulo e SEMA/ZEE-RS deste total, 90% já possuem certificado emitido pela Fundação Palmares e se encontram em fase de regularização. Mas apenas duas são tituladas, e três possuem titulação parcial.

Figura 1: Mapa ilustrativo com a localização das Comunidades Quilombolas de Mostardas, RS.



Fonte: Google Maps (2021).

Figura 2: Mapa com a localização das comunidades quilombolas do Rio Grande do Sul.



Fonte: Atlas Socioeconômico Rio Grande do Sul (2020).

Tabela 1: Comunidades Quilombolas no Rio Grande do Sul.

Comunidades Quilombolas no RS - 2020			
Comunidade	Município	Comunidade	Município
Algodão	Pelotas	Manoel do Rego/Rincão	Canguçu
Alpes	Porto Alegre	Mantiquera	Lavras do Sul
Alto do Caixão	Pelotas	Maria Joaquina	Formigueiro
Anastácia	Viamão	Mato Grande	Muitos Capões
Anastácia Machado	Tavares	Medeiros	Encruzilhada do Sul
Angico	Alegrete	Mocambo	Porto Alegre
Areal Luiz da Guaranha//da Baronesa	Porto Alegre	Monjolo	São Lourenço do Sul
Armada	Canguçu	Morada da Paz	Triunfo
Arnesto Penna	Santa Maria	Mormaça	Sertão
Arvinha	Coxilha e Sertão	Morro Alto	Maquiné e Osório
Beira Campo	Sarandi	Mutuca	Turuçu
Bino	Rodeio Bonito	Nicanor da Luz	Piratini
Bisa Vicente	Canguçu	Olho D'Água/Vó Marinha	Tavares
Boa Vista	Terra de Areia	Palmas	Bagé
Bolsa do Candiota	Pedras Altas	Paredão	Taquara
Bom Jardim	Portão	Passo do Araçá	Catupe
Boqueirão	Canguçu	Passo do Lourenço	Canguçu
Brasa Moura	Piratini	Passos do Maias	Formigueiro
Brasília	Silveira Martins	Passos dos Brum	Formigueiro
Butiá	Butiá	Passos dos Brum	São Sepé
Caleira	São Gabriel	Peixoto/Botinhas	Viamão
Cambará/Rincão das Palmas	Cachoeira do Sul	Picada	São Lourenço do Sul
Candiota	Candiota	Picada das Vassouras	Caçapava do Sul
Cantão das Lombas	Viamão	Potreiro Grande	Canguçu
Capão dos Lopes	Fortaleza dos Valos	Quadra	Encruzilhada do Sul
Caporococas	Tavares	Quilombolas Urbanos do Jacuí	Salto do Jacuí
Casca	Mostardas	Raulino Lessa	Piratini
Cerrito Alegre	Pelotas	Recanto dos Evangélicos	Santa Maria
Cerro da Boneca	Canguçu	Rincão Bonito / Seivalzinho	Caçapava do Sul
Cerro da Vigília	Canguçu	Rincão da Chirca	Rosário do Sul
Cerro das Velhas	Canguçu	Rincão das Almas	São Lourenço do Sul
Cerro do Ouro	São Gabriel	Rincão do Couro	Piratini
Chácara das Rosas/Barreto	Canoas	Rincão do Irupazinho	Cachoeira do Sul
Colodianos	Mostardas	Rincão do Quilombo	Piratini
Correa	Giruá	Rincão dos Caixões	Jacuizinho/Tunas
Corredor dos Munhós	Lavras do Sul	Rincão dos Cavalheiros	São Miguel das Missões
Costa da Lagoa	Capivari do Sul	Rincão dos Fernandes	Uruguiana
Costaneira	Fortaleza dos Valos	Rincão dos Martimianos	Restinga Seca
Coxilha Negra	São Lourenço do Sul	Rincão dos Negros	Rio Pardo
Cruz Alta	Rio Pardo	Rincão dos Negros II	Rosário do Sul
Cruzaltinha	Rio Pardo	Santa Clara e Arredores	Canguçu
Emília De Moraes	Cerrito	Santa Vitória do Palmar	Santa Vitória do Palmar
Esquina Borchatt	Vitória das Missões	Santos Rocha	Vale Verde
Estância da Figueira	Canguçu	São Manoel	Piratini
Família Fidélis	Porto Alegre	São Miguel	Maçambará
Família Flores	Porto Alegre	São Miguel	Restinga Seca
Família Lemos	Porto Alegre	São Roque	Arroio do Meio
Família Machado	Porto Alegre	Sem Registro	Nova Prata
Família Silva	Porto Alegre	Serrinha do Cristal	Cristal
Famílias de Três Forquilhas	Três Forquilhas	Solidão	Pedras Altas
Fávila	Canguçu	Tamanduá	Aceguá
Faxina	Piratini	Teixeira	Mostardas
Faxinal	Caçapava do Sul	Timbaúva	Formigueiro
Faxinal	Canguçu	Tio Dô	Santana da Boa Vista
Fazenda da Cachoeira	Piratini	Torrão	São Lourenço do Sul
Ferreira Fialho	Gravataí	Unidos do Lajeado	Lajeado
Filhos dos Quilombos	Canguçu	Várzea dos Baianos	Pedras Altas
Flor da Serra	Carazinho	Vila da Lata	Aceguá
Fundos do Formigueiro	São Sepé	Vila do Sabugueiro	General Câmara
Gonçalves da Silva	Pântano Grande	Vila Joaquina	Cerro Grande do Sul
Guanabara	Espumoso	Vila Miloca	Lagoão
Ibicuí Armada	Santana do Livramento	Vila Nova	São José do Norte
Iguatemi	Canguçu	Vila Padre Osmari	Colorado
Ipê	São Sepé	Vila Progresso	Arroio do Padre
Júlio Borges	Salto do Jacuí	Vila Ventura	Cerro Grande do Sul
Lichiguana	Cerrito	Vista Alegre	Colorado
Limoeiro	Palmares do Sul	Vó Elmira	Pelotas
Linha Fão/ Sítio Novo	Arroio do Tigre	Vó Ernestina	Morro Redondo
Macaco Branco	Portão	Vó Fermina E Vó Maria Eulina	Restinga Seca
Maçambique	Canguçu	Vó Marinha	Tavares
Macanudos	Rio Grande	Von Bock	São Gabriel
Madeira	Jaguarão	Vovó Isabel/Rincão Santo Inácio	Nova Palma
Manoel Barbosa	Gravataí	Zâmbia	Terra de Areia

Fonte: INCRA - Acompanhamento dos processos de Regularização Quilombola e Processos Abertos para regulamentação, CPI - Comissão Pro Índio/ Observatório Quilombola, FCP - Fundação Cultural Palmares e SEMA/ZEE-RS

Fonte: Atlas Socioeconômico Rio Grande do Sul (2020).

No âmbito econômico, o município de Mostardas se destaca na produção de arroz, sendo o único grão de arroz do Brasil com denominação de origem, destacando-se também na resinagem de pinus, ovinocultura, bovinocultura e o mel produzido no 4º Distrito, chamado de Solidão, com destaque internacional.

Mostardas também é rica quanto aos seus pontos turísticos, assim como por sua cultura afro-açoriana, tendo como principais atrativos: o Parque Nacional da Lagoa do Peixe, Lagoa dos Barros, Litoral Lagunar, Farol de Mostardas, Farol da Solidão, Farol do Rincão do Cristóvão Pereira, Parque Menotti Garibaldi, Porto do Barquinho, Igreja Matriz São Luiz Rei de França, Centro Histórico, dentro outros pontos atrativos.

O município de Mostardas, junto com os de São José do Norte, Tavares e Palmares do Sul faz parte do Litoral Negro do Rio Grande do Sul, termo utilizado como recorte espacial, formado por uma faixa de terras situada entre a Laguna dos Patos e o Oceano Atlântico, bem como conceito que abraça os laços de parentesco entre as famílias que compõem as comunidades quilombolas desta região.

Em Mostardas existem três comunidades quilombolas: a comunidade da Casca, localizada no Distrito Dr. Edgardo Pereira Velho com 85 famílias, a comunidades de Teixeira com 80 famílias e a comunidade Beco dos Colodianos com 36 famílias, ambas localizadas no Distrito de São Simão (Figura 1).

Especificamente, a pesquisa foi realizada na Comunidade Quilombola dos Teixeiras, localizada no terceiro Distrito São Simão do município de Mostardas, a cerca de 10 quilômetros da sede da cidade de Mostardas na direção norte. A Certidão de reconhecimento desta comunidade foi emitida em 19 de agosto de 2005 pela Fundação Cultural Palmares, no ano de 2006 foi fundada a Associação Quilombola dos Teixeiras e o processo de titulação no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária foi instruído no ano de 2007, a seguir, apresentam-se os dados gerais da comunidade:

Quadro 1: Tabela das informações gerais da comunidade quilombola dos Teixeiras, Mostardas, RS.

Informações gerais da comunidade quilombola	
Comunidade	Teixeiras
Município	Mostardas
Estado	Rio Grande do Sul
População	80 famílias
Situação fundiária	Não titulada
Número do processo	54220.002305/2007-75
Ano de abertura do processo	2007
Superintendência responsável	SR 11 - Rio Grande do Sul
Dimensão da área a titular	Sem informação

Fonte: Elaborado pela autora com dados da Comissão Pró-Índio de São Paulo (2021).

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A palavra *kilombo* tem origem do Bantu, língua falada pelo povo Ovibundo, na República Dominicana do Congo. Como afirma Clóvis Moura (1993) em *Quilombos Resistência ao Escravismo*, a palavra quilombo, segundo definição do rei de Portugal em resposta à consulta do Conselho Ultramarino datada de 1740, “era [...] toda habitação de negros fugidos que passa de cinco em parte despovoada ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões nele” (Conselho Ultramarino: 1740 *apud* ALMEIDA, 1996, p.12).

O termo quilombo é a definição atribuída ao agrupamento de escravos fugidos, o local de esconderijo e a resistência à escravidão. Segundo o Dicionário Online de Português – Dicio, entre as definições da palavra quilombo há um “lugar secreto em que ficavam ou para onde iam as pessoas escravizadas que fugiam das fazendas, minas e casas de família, onde eram exploradas e sofriam maus tratos; normalmente encoberto ou escondido em meio ao mato” (Dicio, 2021).

[...] Os quilombos eram comunidades que tinham modos de vida, história, memória, mitos e formas de expressão próprias, que os distinguiam das sociedades de grande formato e de outros grupos existentes no Brasil. Além disso, tinham também um passado e uma memória ligados à opressão e à escravidão. (BRASIL. Notícias do STF, 2012).

Gomes (2008) argumenta que os quilombos eram espaço de resistência negra:

[...] Onde houve escravidão houve resistência. E de vários tipos. Mesmo sob a ameaça do chicote, o escravo negociava melhorias com os senhores ou fazia corpo mole no trabalho, quebrava ferramentas, incendiava plantações, agredia senhores e feitores. Rebelava-se individual e coletivamente. Aqui a lista é grande e conhecida. Houve, no entanto um tipo de resistência que poderíamos caracterizar como a mais típica da escravidão – e de outras formas de trabalho forçado. Trata-se da fuga e formação de grupos de escravos fugidos. A fuga nem sempre levava à formação desses grupos, é importante lembrar. Ela podia ser individual ou até grupal, mas os escravos terminavam procurando se diluir no anonimato da massa escrava e de negros livres.

A fuga que levava à formação de grupos de escravos fugidos, aos quais frequentemente se associavam outras personagens sociais, aconteceu nas Américas onde vicejou a escravidão. Tinha nomes diferentes. No Brasil esses grupos chamados principalmente *quilombos* e *mocambos* e seus membros, *quilombas*, *calhambolas* ou *mocambeiros* (GOMES; REIS, 1996, p.9).

A palavra quilombo nos remete então ao povoado constituído por escravos negros fugidos de seus senhores, fugidos da escravidão, para se protegerem. Este território é dotado de divisões internas e organização social buscando por meio da mescla de culturas entre os distintos povos africanos preservar crenças, culturas e costumes. Mas acima de tudo esses escravos buscavam, a sua liberdade e sua sobrevivência e o quilombo se torna o local seguro, seu lar. Atualmente, como afirma Fiabani (2018):

[...] As comunidades negras preservam costumes centenários, guardam tradições que revelam a influência africana na formação do nosso povo. A titulação das terras destas comunidades representa a continuidade das mesmas, caso contrário, este segmento social tende a desaparecer. A não titulação expõe as comunidades às ações dos especuladores de terras e à violência (FIABANI, 2018 p.40).

Segundo Quadros (2020, p. 19) o quilombo não representava apenas o refúgio, mas também um projeto colocado em contraposição ao sistema vigente. A organização em quilombos tratava-se não apenas de um local para fuga dos senhores, mas sim de um lugar onde a liberdade cultural e étnica poderia ser exercida de maneira livre.

Não existe um consenso entre os estudiosos sobre a data de formação do primeiro quilombo no Brasil, mas José Honório Rodrigues afirmou que “a fuga e a formação começam em 1559 e vem até a abolição” (RODRIGUES, 1970, p. 67). Já Francisco Varnhagen (1970) citou que o primeiro quilombo teria surgido entre 1602 e 1608, e segundo José Alípio Goulart, o “item 13 do Regimento de 8 de março de 1588, dado por El-Rei ao governador geral de Brasil, Francisco Geraldês, acerca de negros de Guiné e Angola e levantados, que por certo já se armavam em quilombos” (Goulart, 1972, p. 22). De modo que não existe precisão sobre a data de formação dos primeiros quilombos, mas há registros da existência destes a partir de meados de 1600.

Segundo Clóvis Moura, o quilombo é um fenômeno de resistência social permanente, sendo que:

[...] Durante todo o transcurso de sua existência, eles foram não apenas uma força de desgaste, atuando nos flancos do sistema, mas pelo contrário, agiam em seu centro, isto é, atingindo em diversos níveis as forças produtivas do escravismo e, ao mesmo tempo, criando uma sociedade alternativa que, pelo seu exemplo, mostrava a possibilidade de uma organização formada de homens livres (MOURA, 1993, p. 37).

Dessa forma, Benjamin Péret afirmou em 1955:

[...] O quilombo representou a reação instintiva e normal dos negros em diversos pontos do Brasil. É preciso, pois concluir que constituiu uma etapa necessária da emancipação dos negros. Sem o quilombo, as insurreições dos negros da Bahia (1817-1835) teriam podido existir? Não é de crer. É efetivamente porque a experiência dos quilombos havia penetrado profundamente na carne dos escravos e impregnado suas fibras sensíveis, que eles descartaram então essa solução (PÉRET, 2002, p. 83-84).

O quilombo foi crucial para o fim da escravidão no Brasil. Com as fugas em massa dos escravos para viverem nos quilombos, estes serviram como fenômeno social para modificar a estrutura escravocrata, junto com o movimento abolicionista. A resistência dos negros na construção e permanência nos quilombos foi fator determinante para a abolição da escravatura em 13 de maio de 1888, por meio da Lei Áurea.

Segundo Andrade (1998, p.24), a formação de um território dá as pessoas que nele habitam a consciência de sua participação, provocando o sentimento da territorialidade que,

de forma subjetiva, cria consciência de confraternização entre as mesmas. Na mesma linha, Santos (1999, p. 8), afirma que o “sentimento de pertencer àquilo que nos pertence e isso forma a territorialidade. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida”.

Oficialmente, a Princesa Imperial Regente, Princesa Isabel, em nome de Sua Majestade o Imperador, o Senhor D. Pedro II, declarou extinta a escravidão no Brasil em 1888, fazendo saber a todos os súditos do Império que a Assembleia Geral decretou e ela sancionou essa lei, cujo Artigo 1º anuncia que.

“É declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brazil. Dada no Palácio do Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1888, 67º da Independência e do Império” (BRAZIL, 1888, p. 32).

No âmbito do projeto do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) vão sucedendo, mas sem sucesso, as normas do Artigo 68 do ADCT fazem parte dessa história, cujo:

[...] é o de assegurar a possibilidade de Sobrevivência e florescimento de grupos dotados de cultura e identidade étnica próprias, ligadas a um passado de resistência à opressão, os quais, privados do território em que estão assentados, tenderiam a desaparecer, absorvidos pela sociedade envolvente. Para os quilombolas, a terra habitada, muito mais do que um bem patrimonial, constitui elemento integrante da sua própria identidade coletiva, pois ela é vital para manter os membros do grupo unidos, vivendo de acordo com os seus costumes e tradições. (SARMENTO, 2008).

No Decreto nº4.887, de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o artigo nº68 dos Atos das Disposições Constitucionais Transitórias são consideradas remanescentes das comunidades de quilombos “os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotadas de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida”. (LEGISLAÇÃO SOBRE COMUNIDADES QUILOMBOLAS, 2014, p. 118).

Segundo o sociólogo Bruce Cohen (1980), o movimento social ocorre da necessidade de um grupo de indivíduos de se organizar seja para mudar, ou manter algum elemento nas sociedades, assim assumindo caráter conservador ou transformador. Nesse sentido Martins (2014) afirmam que:

A autonomia é o verdadeiro elemento de existência de um quilombo, é o fato que une a comunidade, ou seja, o verdadeiro subjetivismo da essência de quilombo. Seu modo de vida, sua subsistência, sua cultura, sempre foram oprimidas, os quilombos verdadeiramente têm o caráter de resistir às opressões sociais existentes. A autonomia aqui tratada é no sentido lato: econômica, política, organizacional e cultural. Sendo assim, se nos apoiamos na luta por autonomia no processo produtivo, podemos concluir que a peleja dos quilombos não acabou com a abolição oficial da escravidão. (MARTINS, 2014, p. 52).

Conforme Bobbio (1997, p.25), no seu *Discurso sobre a origem da desigualdade entre homens*, existe uma diferença entre as desigualdades naturais e as desigualdades sociais, onde as desigualdades naturais são aquelas geradas pela natureza e as desigualdades sociais são as geradas pela civilização humana decorrentes de relações de domínio, políticas e espirituais.

As comunidades negras preservam costumes centenários, guardam tradições que revelam a influência africana na formação do nosso povo. A titulação das terras destas comunidades representa a continuidade das mesmas, caso contrário, este segmento social tende a desaparecer. A não titulação expõe as comunidades às ações dos especuladores de terras e à violência (ACEVEDO; CASTRO, 1998).

A formação identitária contribui com a manutenção das famílias e remanescentes de quilombo e está entrelaçada à ligação com seu território, como explica Rafael Anjos (2006):

[...] O território é um fato físico, político, categorizável, possível de dimensionamento, onde geralmente o Estado está presente e estão gravadas as referências culturais e simbólicas da população. Dessa forma, o território étnico seria o espaço construído, materializado a partir das referências de identidade e pertencimento territorial e, via de regra, a sua população tem um traço de origem comum. As demandas históricas e os conflitos com o sistema dominante têm imprimido a esse tipo de estrutura espacial exigências de organização e a instituição de uma auto-afirmação política-social-econômica-territorial (ANJOS, 2006, p.81).

“A construção da identidade territorial pode expressar uma identidade étnica, como no caso das comunidades quilombolas (SCHMITT; TURATTI; CARVALHO, 2002, p. 4-5)”. A ligação com a terra vai além do “território em si, mas o que é usado, construído pelo chão e pela identidade” (SANTOS, 1999, p. 8). Sendo assim, segundo Quadros (2020):

[...] O processo de reconhecimento territorial não traz mudanças apenas na incidência de normas jurídicas para o território, mas também nas normas sociais criadas pela comunidade para regular o espaço de uso comum, incidindo sobre a percepção do território e da própria identidade quilombola, com potenciais implicações nas práticas sociais. “Por exemplo, podem ocorrer mudanças de práticas sociais do uso e entendimento territorial, como o sentimento de pertencimento, a forma do exercício do trabalho, o lugar da residência, do cultivo de ervas etc.” (QUADROS, 2020, p. 13).

O termo *reconhecimento*, na visão de Friedrich Hegel “refere-se a uma necessidade presente nas relações intersubjetivas e que se expressa nos conflitos humanos, desde a esfera da família (do amor), até a da sociedade civil (do direito) e do Estado (da solidariedade).” (Hegel, 1970). Por outro lado:

[...] a identificação social do indivíduo está ligado ao sentimento de pertencimento, que é um fator de identidade coletiva. [...] a identificação social é um conjunto de processos pelos quais um indivíduo se define socialmente, isto é, se reconhece como membro de um grupo e se reconhece nesse grupo (LIMA, SILVA E MARTINS, 2011).

A compreensão de identidade parte do entrelaçamento da estrutura ao sujeito, em que são relacionados sentimentos subjetivos e lugares objetivos ocupados nas relações sociais e culturais. A identidade é então compreendida como o posicionamento subjetivo eleito em relação a uma realidade histórica e social. (Furtado, 2014).

A identificação do sujeito como pertencente ao quilombo faz-se por meio de auto-atribuição e da autodefinição, ambos os termos presentes no Decreto n° 4.887/2003, no Caput, Art. 2º, “auto-atribuição”:

Caput, Art. 2º Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. (BRASIL, 2003).

E no § 1º do Art. 2º deste mesmo Decreto, se utiliza o termo “autodefinição”, da seguinte forma:

Caput, Art. 2º § 1º - Para os fins deste Decreto, a caracterização dos remanescentes das comunidades dos quilombos será atestada mediante autodefinição da própria comunidade (BRASIL, 2003).

Desta forma, a utilização desses termos assegura o pertencimento obtido pelo sujeito na organização social do quilombo.

[...] a identidade da comunidade ocorre pelo sentimento de se pertencer àquele grupo a que se olha. A questão aqui levantada é: só quem pode afirmar para quem se olha é quem efetivamente está olhando! A noção de pertencimento não pode ser gerada por laudos ou estudos, pois no máximo teríamos uma especulação sobre a “casa dos espelhos”. Só quem está dentro e vendo os espelhos pode afirmar que realmente está sendo refletido (BRASIL, 2003).

Concluindo, o decreto de 2003 garante o direito de auto-atribuição e autodeterminação da identidade quilombola, garantindo ao indivíduo o sentimento de pertencimento dentro da comunidade. Assim estabelecendo um vínculo com os demais quilombolas cultural e social, além de um vínculo com o território.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A partir dos dados levantados no levantamento de dados bibliográficos e dada à escassez de material direcionado ao tema socioprodutivo das comunidades quilombolas em geral optou-se por ir a campo coletar os dados.

Na revisão bibliográfica encontrei pesquisas de trabalhos acadêmicos, o principal trabalho utilizado como referência foi com relação à Comunidade Quilombola dos Teixeiras: *As buscas pelo Bem Viver Quilombola: Resistências, re-significações e traduções culturais identitárias no Quilombo dos Teixeiras, Mostardas/RS* (FREITAS, 2016) trabalho realizado na comunidade dos Teixeiras, que traz a ligação dos sujeitos com a terra seu pertencimento, práticas e sua luta.

Com relação aos quilombolas de Mostardas destacam-se principalmente: *O cuidar feminino: saberes e fazeres tradicionais de benzedadeiras quilombolas de Mostardas-RS* (MARQUES, 2019), trata do papel da mulher, a inserção de gênero no meio rural, baseado, mas vivências das mulheres quilombolas das comunidades quilombolas de Mostardas, cultura, crenças e saberes. Também o trabalho *Entre plantar, comer e inserir a sociobiodiversidade na alimentação escolar: a experiência de Mostardas/RS* (HENDLER, 2021) remete a alimentação escolar, mas com um olhar voltado para a importância da implantação de alimentos de referência culturais ligados a particularidade local.

Na agricultura se destacam *Saberes, plantas e caldas: a rede sociotécnica de produção agrícola de base ecológica no sul do Rio Grande do Sul* (PINHEIRO, 2010), que traz à perspectiva da agricultura a rede que liga produtores e consumidores e *O papel da agricultura e do trabalho não agrícola na reprodução socioeconômica de famílias quilombolas na Serra dos Tapes, Rio Grande do Sul: um olhar sobre perspectivas de desenvolvimento local* (GOIS, 2019) visa compreender a organização social, econômica e produtiva na comunidade remanescente de quilombo na Serra dos Tapes servindo de modelo para a presente pesquisa. Além destes, outros trabalhos que foram referenciados ao decorrer deste trabalho, assim nos itens a seguir está exposta a análise dos dados coletados.

Os dados obtidos a partir da análise das fontes bibliográficas (revisão bibliográfica, consulta a documentos e levantamento de pesquisas anteriores) e dos dados de campo (entrevistas, consulta a Emater, Prefeitura) foram organizados segundo os objetivos específicos. No primeiro subitem apresentam-se a história da comunidade quilombola dos Teixeiras contando sua origem. No segundo a produção agrícola existente da comunidade e ligação dos quilombolas com a terra. E por último, no terceiro subitem mostra-se a organização socioprodutiva dos Teixeiras com a análise dos dados obtidos na pesquisa de

campo, destacando a produção em maior escala e a produção em menor escala mais voltada ao autoconsumo familiar como os distintos tipos de produção existentes dentro da comunidade.

4.1 A HISTÓRIA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DOS TEIXEIRAS

O território das residências, das áreas de cultivos e os espaços comunitários da Comunidade Quilombola dos Teixeiras, está localizado em uma região estreita peninsular situada entre a Lagoa dos Patos e o Oceano Atlântico, no meio rural do município de Mostardas.

Há existência de registros históricos sobre as “deixas” de terras deixadas para os escravos no Teixeiras, deixando claro que estas comunidades não se originaram a partir da fuga dos escravos, mas sim de sua permanência e resistência nas terras a eles deixadas. (BENEDETTI, 2014, p. 36).

Segundo Molet (2018), a história começa no século XVIII com uma família de portugueses fundada por Antônio Baptista e Thereza Maria de Jesus, que tiveram três descendentes: Ana Thereza de Jesus, Manoel Teixeira e Roza Tereza de Jesus. Em 1818 o primeiro escravo desta família foi alforriado e com o falecimento dos filhos Manoel e Ana Thereza outros escravos também foram libertos nos anos que decorreram.

Os atores sociais rurais da Comunidade Quilombola dos Teixeiras tem origem africana de escravos que posteriormente se tornaram “livre” a partir de 1819, mas ainda tinham que trabalhar para a antiga senhora, pois não dispunha de acesso a terra. Então somente com o falecimento da Roza Thereza de Jesus última herdeira de Antônio, em 1826 e, portanto, proprietária que as terras receberiam novos donos e os últimos cinco escravos foram libertos.

Assim, em meados de 1826 os escravos já alforriados receberam por meio de testamento os lotes de terra do Campo da Caieira, atuais localidade dos Teixeiras, dando origem à Comunidade Quilombola dos Teixeiras. A terra passa então a ser um patrimônio da comunidade com a sua utilização para a sobrevivência. Por meio do trabalho braçal, por vezes animal, a produção é trocada entre os indivíduos e comercializada.

Os proprietários originais das terras do Campo da Caieira eram Ana Thereza de Jesus, Manoel Teixeira e Roza Tereza de Jesus que deixaram por testamento aos escravos, deixando anteriormente, estas terras como propriedade de Inácia Pereira de Souza e João Correa Chaves

ou Costa Chaves¹. Assim a origem da comunidade quilombola de fato se inicia por meio da aquisição de José Marcelino da Silva e Thereza Angélica de Jesus do Campo de Caieira.

No Arquivo Particular do Campo dos Teixeiras, dentro do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, é possível encontrar dados a respeito desses testamentos. O testamento de Ana Thereza de Jesus foi realizado em 1818, mesmo ano de sua morte, onde neste documento afirmou ter mais duas irmãs Isabel Inácia e Maria Tereza deixando algumas rezes para seus sobrinhos e afilhados. Declarou também que para a irmã Roza deixava a casa de moradia e dois cavalos. Informou que possuía quatro escravos: Francisco, Joaquim, Thomázia e Leonora, sendo que para eles deixou a liberdade, 40 braças de terra e 4 reses para cada, deixando como seu herdeiro universal Cândido Dias da Costa casado com sua sobrinha Thomázia Rosa de Jesus (MOLET, 2018, p.64).

Em 1818, Manoel Teixeira Baptista também fez seu testamento, onde declarou que tinha seis escravos: João, Francisco, Manoel, Antônio, Rita, e Joaquina, e que os libertava dando 10 braças de terra e uma atafona para cada, porém somente após sua morte e de sua irmã Roza.

O testamento de Roza Thereza de Jesus foi feito em 1826 (AHRs, 1826), onde deixou uma quantia em dinheiro para suas irmãs Isabel Inácia e Maria Tereza, para seus quatro afilhados cada um herdou duas rezes de criar. Para os escravos, Roza declarou:

[...] Declaro que possuo cinco escravos: José (nação Benguela), Thomaz (crioulo), Maria (Benguela), Joana (crioula), Inácia (crioula), o qual deixa liberta (...). Declaro que deixo dez braças de terras testadas e seu comprimento as quais o meu testamenteiro os entregará a cada um destes meus escravos que ficarão forros na Caieira. Declaro que as sessenta braças de terras que tocaram aos seis escravos do falecido meu irmão Manoel Teixeira Batista que ficaram libertos, o meu testamenteiro as entregará do campo da Caieira, em passando esta repartição, das dez braças para cada um, o resto do dito Campo da Caieira fica para todos os quais têm carta de liberdade, tanto os meus com os de meus falecidos irmãos e para não poderem vender, ficando de pais e mães para filho e o meu testamenteiro, ter conta para eles não venderão. Declaro que as casas e trastes e benfeitorias e a carreta que se achar fica para estes mesmos escravos, escravos que ficam libertos. Declaro que deixo quatro rezes de criar aos meus escravos a cada um, e quatro a cada escravo do falecido meu irmão Manoel dos que ficaram libertos. (...) Declaro que deixo aos escravos mais noventa e seis rezes, doze bois mansos, dez cavalos mansos, duas éguas de rodeio e cento e cinquenta ovelhas aos ditos acima libertos e declarados. (Arquivo Particular do Campo dos Teixeiras, 1826, documento nº 8).

Assim a titularidade do Campo da Caieira, foi distribuída entre os escravos que posteriormente foram alforriados dando início ao o que anos mais tarde é a Comunidade Quilombola dos Teixeiras. A seguir quadro sobre a origem da comunidade, destacando o que cada escravo recebeu do seu senhor:

¹ Inácia por sua vez era irmã de Mônica e de Quitéria Pereira de Souza que deixou em testamento para seus escravos as terras que corresponde atualmente à comunidade quilombola da Casca.

Quadro 2: Testamentos que deram origem à Comunidade Quilombola dos Teixeiras, Mostardas, RS.

A origem da comunidade dos Teixeiras			
Testamento	Ano	Escravos	Herança
Ana Thereza de Jesus	1818	Francisc o Joaquim Tomásia Leonora	40 braças de terra e 4 reses (para cada escravo)
Manoel Teixeira Baptista	1818	João Francisc o Manoel Antônio Rita Joaquina	10 braças de terra (para cada escravo)
Roza Thereza de Jesus	1826	José Thomaz Maria Joana Inácia	10 braças de terras (para todos os escravos); Parte do campo da Caieira para todos os escravos da família com cartas de liberdade; Metade do campo de São Simão Velho, 96 reses, 12 bois mansos, 10 cavalos mansos 10 éguas de rodeio e 150 ovelhas.

Fonte: Elaborado pela autora com dados do Arquivo Particular do Campo dos Teixeiras (2022).

A Comunidade Quilombola dos Teixeiras é formada por indivíduos que se identificam como negros, que vivem nesta região desde pelo menos o fim do século XVII. O termo quilombola é muito recente na comunidade, sendo que os próprios integrantes se reconheciam até pouco tempo e alguns até hoje como “negros dos Teixeiras” ou “negrada dos Teixeiras”, agregando o pertencimento à cor da pele e não ao caráter de remanescente de quilombo ao grupo.

É possível verificar que este fato está mudando na comunidade dos Teixeiras. A auto-afirmação e a identidade como uma comunidade quilombola vem ocorrendo gradualmente a partir da década de 1960. A postura anterior dos sujeitos da comunidade é interligada à formação escravocrata da sociedade e intensificava ainda mais a segregação entre “negros” e brancos”.

Atualmente, a comunidade quilombola dos Teixeiras é composta por oitenta famílias descendentes desses escravos. Na década de 70, foi realizada uma regularização fundiária na comunidade. As relações sociais do grupo envolvem as oitenta famílias, onde a maior parte destas famílias tem o documento de matrículas das terras, concedida pelo Estado para a regularização, assim tendo acesso às políticas públicas e aos financiamentos, mesmo estando ainda em processo de titulação.

O movimento quilombola surge na cidade de Mostardas em meados de 1960, com o intuito de resgatar a própria cultura, as culinárias, preservar hábitos e costumes e lutar pelo reconhecimento. O movimento é composto por remanescentes de quilombo. A seguir, apresentam-se algumas informações gerais sobre o movimento quilombola no município de Mostardas, de acordo com material do trabalho *Comunidade Quilombola dos Teixeiras*, (2019):

Quadro 3: Quadro analítico do movimento quilombola no município de Mostardas, RS.

Dimensões para análise do movimento social	Movimento Comunidade Quilombola dos Teixeiras
<u>Contexto de surgimento do movimento</u>	O movimento quilombola propriamente dito iniciou a partir da década de 60 na cidade de Mostardas, quando os quilombolas se organizaram em grupo com a finalidade de defender os interesses da comunidade.
<u>Caracterização dos atores sociais participantes do movimento</u>	O grupo é composto por descendentes de africanos escravos que posteriormente foram libertos e receberam por heranças as terras na localidade dos Teixeiras.
<u>Pautas do movimento</u>	Pode-se destacar como principais pautas o resgate das culturas africanas, tanto crenças, hábitos, quanto culinária. A luta para a regularização das e a luta ativa contra o preconceito.
<u>Formas de luta e/ou mobilização do movimento</u>	A principal luta é pela terra, as mobilizações ocorreram principalmente depois da organização em associações como é no caso da Associação Comunidade Quilombola dos Teixeiras.
<u>Alguns resultados obtidos pelo movimento</u>	Esse movimento teve como principal resultado a legalização dos lotes de terra na localidade dos Teixeira e a criação da Associação Comunidade Quilombola dos Teixeiras.
<u>Observações interessantes sobre o movimento</u>	O movimento surgiu através da união das comunidades com o principal intuito de obter reconhecimento e já conseguiram feitos importantes como o plantio de sementes crioulas.

Fonte: Elaborado pela autora, (2021).

Os quilombolas dos Teixeiras buscam a regularização fundiária por meio da titulação da terra, não apenas para terem uma propriedade, mas para poderem preservar seu estilo de vida e cultura garantindo a continuidade através das gerações.

Em 2006, as famílias quilombolas dos Teixeiras se unem, e juntamente com a Prefeitura Municipal de Mostardas, constituem a Associação Quilombola dos Teixeiras. Através da organização social foram adquirido um trator para uso exclusivo dos quilombolas, um moinho de milho e uma roçadeira. Por meio da associação alguns produtores também passaram a participar do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e começaram a plantar sementes crioulas. As famílias integrantes da Associação ainda contam com um galpão e uma sede para os encontros, além da construção de uma Unidade Básica de Saúde (UBS) nos Teixeiras.

4.2. PRODUÇÃO AGRÍCOLA E LIGAÇÃO COM A TERRA

O município de Mostardas possui 1.068 propriedades rurais ocupadas por empreendedores do agronegócio, pela agricultura familiar e pelas comunidades quilombolas. O meio rural é composto por 700 estradas vicinais, sendo meio de locomoção de aproximadamente 3.981 habitantes (IBGE, 2010). Na economia são predominantes os plantios de monocultura (arroz, soja e pinus), destacando-se também a pecuária (bovinos, ovinos, bubalinos e equinos). Nota-se, portanto, pouca diversificação econômica.

Quadro 4: Estrutura fundiária de Mostardas, RS.

Tamanho dos Estabelecimentos (ha)	Estabel . n°	%
De 0 a menor de 1	9	0,84
De 1 a menos de 2	51	4,78
De 2 a menos de 3	65	6,9
De 3 a menos de 4	39	3,65
De 4 a menos de 5	30	2,81
De 5 a menos de 10	124	11,61
De 10 a menos de 20	122	11,42
De 20 a menos de 50	173	16,2
De 50 a menos de 100	104	9,74
De 100 a menos de 200	79	7,4
De 200 a menos de 500	69	6,46
De 500 a menos de 1000	182	17,04
Mais de 1000	21	1,94
Total	1068	

Fonte: IBGE (2010).

De acordo com a turismóloga Verona Colares Nazareth durante a sua narração na *Caminha Toc-Toc*, que é um roteiro guiado para conhecimento da arquitetura e do centro histórico de Mostardas, a história e as edificações apontam que na cidade de Mostardas a desigualdade se fez presente nas edificações e no convívio social. Esse fato pode ser

verificado, por exemplo, através da análise das casas construídas nas ruas paralelas à Igreja Matriz São Luiz Rei, a Rua XV de Novembro, à esquerda e, a Rua Independência, à direita. As casas da direita são maiores e com aberturas mais amplas; em meados de 1970 essas casas foram construídas para abrigar os senhores donos de sesmarias na região e as casas da esquerda menores na construção original com apenas uma porta estreita e uma janela, para abrigar os negros, desta maneira os negros não podiam andar na rua da esquerda. Conforme exposto nas figuras a seguir:

Figura 3 - Casa dos negros (esquerda) na Rua Independência e casa açoriana (direita) na Rua XV de Novembro, Mostardas, RS.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

No meio rural de Mostardas, é possível perceber claramente esta desigualdade, tanto nas camadas sociais, quanto na estrutura fundiária do município. Conforme dados do IBGE (2010), as propriedades variam de menos de 1 ha até mais de 1.000 ha, sendo que as áreas que variam de 0 a 1 ha até 10 ha representam mais de 30% dos estabelecimentos rurais, ocupados pela agricultura familiar e pelas comunidades tradicionais compostas por quilombolas e pescadores, enquanto que as áreas com mais de 1.000 ha representam 1,94% dos estabelecimentos (IBGE, 2010), ocupados pelos grandes latifundiários do agronegócio, o que representa uma concentração de recursos e de terras na mão de uma minoria da população rural. A seguir tabela com o tipo de público rural:

Quadro 5: Tipo de público rural, atendidos pela Emater em Mostardas, RS

Tipo de público rural – famílias	
Categoria	Nº de famílias
Agricultor empresarial	14
Agricultor familiar de mercado ²	282

² Classificação da Emater/RS – “Agricultor familiar de mercado: caracteriza-se como unidade familiar de produção, com investidores prudentes, tem capacidade de organização, bom nível de moto-mecanização”. **Fonte:** EMATER (2022).

Agricultor familiar capitalizado ³	4
Agricultor familiar de sobrevivência ⁴	102
Agricultor de subsistência ⁵	84
Agricultor urbano	0
Assentado	0
Indígena	0
Outros (não necessariamente agricultores)	15
Pecuarista familiar	85
Pescador artesanal	245
Quilombola	472

Fonte: Adaptado pela autora, com base em dados da EMATER, (2022)

Ao observar a posição que cada um ocupa na estrutura social, os agricultores empresariais aparecem em número pequeno. No entanto, são os mais privilegiados, pois detêm a maior quantidade de terras e de capital. Já os povos indígenas não possuem registros numéricos de sua população no município, devido à escassez documental. Enquanto isso, as populações negras, por serem excluídas da sociedade, viviam nos quilombos, fato que explica o número expressivo de 472 famílias negras no meio rural de Mostardas, incluindo as três comunidades.

Na região do município de Mostardas, as comunidades quilombolas têm características particularmente relacionadas à agricultura e pecuária para autoconsumo e às pequenas vendas. Os principais cultivos, de um modo geral, no quilombo são o milho, feijão, arroz, cebola, aipim, batata, além de verduras e temperos em geral.

Assim a ligação com a terra vem da relação da comunidade remanescente de quilombo com o uso da terra, por meio da qual se dá a proteção da comunidade. Visto que, por meio da titulação de suas terras ocorre a preservação da identidade e a preservação do meio ambiente, cultura e história da comunidade.

De acordo com dados Emater (2022) as terras dos Teixeira habitadas por quilombolas abrangem atividades produtivas agrícolas como o plantio de alimentos e práticas de pecuária com a criação de animais, ambas para o sustento e que além de garantir a sobrevivência

³ Classificação da Emater/RS – “Agricultor familiar capitalizado: procura alta rentabilidade, com investimentos fortes; contra mão-de-obra; produção em escala e organizada; participa da integração com indústrias; conhece a realidade rural”. **Fonte:** EMATER (2022).

⁴ Classificação da Emater/RS – “Agricultor familiar de sobrevivência: venda da mão-de-obra; sem ou com poucas atividades agropecuárias; venda esporádica de excedentes”. **Fonte:** EMATER (2022).

⁵ Classificação da Emater/RS – “Agricultor familiar de subsistência: atividades agropecuárias dirigidas ao autoconsumo e eventual venda de excedentes”. **Fonte:** EMATER (2022).

também garantem o bem-estar necessário para que a comunidade mantenha a perpetuação de seus costumes, tradições e modo de vida.

A agricultura praticada na comunidade dos Teixeira têm interfaces com a agricultura tradicional. Segundo Gliessman (2000), pode-se afirmar que a agricultura tradicional é:

[...] agricultura praticada por povos tradicionais em locais onde não havia disponibilidade de outros insumos além do trabalho humano e dos recursos locais, ou onde foram encontradas alternativas que reduziam, eliminavam ou substituíam insumos humanos intensivos no uso de energia e de tecnologias, comuns a grande parte da agricultura convencional de hoje (GLIESSMAN, 2000, apud FIDELIS, 2009, p.359).

Por meio dos dados coletados em pesquisa de campo é possível afirmar que as práticas agrícolas e pecuárias são atividades que impulsionam a economia dentro da comunidade quilombola, são as principais fontes de renda das famílias que vivem nessa área. Além dos cultivos anteriormente citados, há também a criação e venda de animais de pequeno e médio porte, como galinhas, porcos e ovelhas, assim como a venda de seus derivados, principalmente ovos caseiros, além de servirem também como fonte de renda.

Na comunidade dos Teixeira se produz a matéria prima utilizada na fabricação dos doces, como mugango, melancia, abóbora e batata doce, assim como os pomares de frutas típicas da região, como goiaba, banana, laranja, figo, mamão, entre outros. O leite para a fabricação de doce de leite e rapaduras também é extraído dos animais criados na localidade, assim como os ovos e a farinha de milho utilizados na fabricação de pães, bolachas, bolos e ambrosias, são produzidos na comunidade. Todos esses produtos são comercializados Na Feira Freguesia da Terra que ocorre todas as sextas-feiras e é organizada pelos integrantes, na praça central da cidade de Mostardas, gerando renda às famílias da comunidade.

Figura 4: Produtos da comunidade dos Teixeira comercializados na feira de Mostardas, RS.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

É importante diferenciar que na comunidade dos Teixeiras existem dois tipos de formatos produtivos de acordo com as famílias, a produção de pequena escala e a produção de grande escala. Assim, a economia da comunidade de maneira ampla se baseia na plantação de arroz, cebola, milho, batata doce, aipim, leguminosas, produtos em conserva, compotas, na criação de galinhas, patos, ovelhas, bois. Mas não somente na agricultura, a renda das famílias da comunidade também conta com a venda da força de trabalho dos sujeitos para complementar a renda, algumas famílias já conseguem viver apenas da sua produção, mas são poucas.

4.3 ORGANIZAÇÃO SOCIOPRODUTIVA DOS TEIXEIRAS

Conforme já relatado, a comunidade dos Teixeiras conta com a Associação Quilombola dos Teixeiras, fundada há quinze anos. Essa associação exerce um papel importante na sociedade como elo entre os moradores da comunidade, facilitando o acesso às políticas públicas, equipamentos e atividades sociais e culturais. A associação, no ano de 2021, recebeu o Prêmio Zumbi dos Palmares como reconhecimento da luta para preservar a memória e identidade quilombola da região.

O site da Prefeitura Municipal de Mostardas menciona que:

[...] No caso da região de Mostardas, a reprodução socioeconômica e cultural do quilombo dos Teixeiras passa por criar condições para que se mantenham os modos e práticas agrícolas ancestrais e pela conquista de melhorias ligadas à infraestrutura material. Além disso, ressalta-se a presença de manifestações culturais e religiosas como, por exemplo, o Ensaio de Pagamento de Promessa para Nossa Senhora do Rosário, também chamado de Ensaio de Quicumbi. É importante atentar para as manifestações culturais negras da região como forma de manter os laços consanguíneos e de amizade entre as famílias quilombolas (PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSTARDAS, 2021).

O município de Mostardas por meio de políticas públicas busca incentivar o resgate de costumes e culturas ancestrais de matriz africanas e em conjunto com os quilombolas, como por exemplo, uma parceria para o resgate alimentar, por meio de incentivos ao cultivo do feijão sopinha, milho catete. Atualmente esses alimentos são comprados e inseridos na merenda escolar, no qual a comunidade dos Teixeiras foi incluída.

Com a criação da associação dos Teixeiras, as famílias quilombolas passaram a reivindicar seus direitos diante do poder público e a ter mais força para buscar seu reconhecimento cultural e religioso perante a sociedade. O fortalecimento desta identidade étnica, aliada à organização social, vem garantido às famílias remanescentes acesso às políticas públicas municipais, estaduais e federais, sendo contempladas com patrulhas agrícolas para auxiliar nos cultivos. Através da associação os sócios já estão sendo beneficiados com um silo, caminhão para o transporte de suas produções, trator que também

presta serviços para o restante da comunidade, não apenas para os sócios, um engenho, uma plantadeira de milho e outra de arroz.

Um dos projetos mais importantes da associação foi à construção de 13 casas para os sócios com renda baixa por meio do Programa Nacional da Habitação Rural (PNHR) da União em parceria com a Caixa Federal, onde os sócios pagaram em 4 anos o equivalente a R\$ 1.140,00 cada um, sendo que foram disponibilizados previamente R\$ 28.000,00 para a construção.

Por meio de parcerias e incentivos, a associação também disponibiliza, insumos como calcário, onde apenas 20% do valor é pago pelos sócios. Também ocorre a distribuição de sementes crioulas, de feijão e de cebola, e em 2011 conseguiram uma verba de 12.000,00 para a construção de uma cede para o desenvolvimento de artesanato gerando renda para as mulheres associadas. Atualmente a obra está pronta, mas não tem sido utilizada para ações previstas de geração de renda, desde o início da pandemia do COVID-19.

Na agricultura, atualmente, denota-se que a renda da maioria das famílias quilombolas está ainda relacionada aos cultivos de subsistência, sendo que o excedente é vendido em feiras da agricultura familiar com produtos orgânicos e convencionais na cidade ou distribuídos em escolas municipais através da comercialização pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), (EMATER 2022).

No ano de 2000, através da Prefeitura Municipal de Mostardas, no âmbito da Secretaria de Agricultura do município, apoiado pela EMATER, foi implementado um projeto para auxiliar e incentivar agricultores familiares a venderem seus produtos na praça da cidade na Feira de Hortifrutigranjeiro Freguesia da Terra, onde principalmente as mulheres do quilombo dos Teixeiras participam e comercializam seus produtos.

De acordo com dados registrados no sistema de atendimento da EMATER sobre as comunidades quilombolas de Mostardas, fornecidos pelo técnico extensionista da EMATER, quanto às comunidades quilombolas de Mostardas, fornecidos pelo técnico extensionista do município, no ano de 2021 foram atendidas um total de 87 famílias, contabilizando 108 pessoas, enquanto no ano de 2022, até o mês de maio, foram atendidas 69 famílias quilombolas, totalizando 86 pessoas. Concluindo, na comunidade quilombola dos Teixeiras foram atendidos 50 pessoas em média no ano de 2021.

A EMATER vem desenvolvendo recentemente um diagnóstico nas comunidades quilombolas do município para quantificar o que é produzido e quantas famílias produzem, de acordo com o que os próprios quilombolas apontam. A produção de arroz, por exemplo, é vendida para um corretor e destinada à indústria, enquanto a cebola é vendida para

atravessadores e também direto ao consumidor. Também é possível elencar outras produções como mostra a tabela a seguir:

Tabela 2 – Estimativa de famílias quilombolas produtoras por cultura e destinação da produção no município de Mostardas, RS.

Cultura	famílias	
arroz	7	só venda
feijão	80	venda e autoconsumo
cebola	50	venda e autoconsumo
hortaliças	93	venda e autoconsumo
milho	60	venda e autoconsumo
mandioca	50	venda e autoconsumo
batata doce	93	venda e autoconsumo
frutas	93	venda e autoconsumo
amendoim	10	venda e autoconsumo
cucurbitáceas, abóboras	70	venda e autoconsumo
gado de leite	30	venda e autoconsumo
gado corte	70	venda e autoconsumo
ovinos	50	venda e autoconsumo
caprinos	1	autoconsumo
suínos	80	venda e autoconsumo
aves de corte	93	venda e autoconsumo
Apicultura	2	venda e autoconsumo
meliponicultura	1	autoconsumo

Fonte: EMATER (2022).

Mesmo não existindo uma agroindústria propriamente dita no quilombo, são processados diversos produtos de maneira caseira. As receitas utilizadas são resultado de ensinamentos passados através das gerações familiares e da vivência diária, sendo que o que dá certo se mantém e o que não, vai se aprimorando, em uma construção dinâmica do *saber-fazer*. Cabe ressaltar que esses produtores quilombolas participam de todas as etapas, desde a produção da matéria prima até o processamento e a comercialização.

A comercialização de animais de pequeno porte também faz parte da renda das famílias, assim como os empregos informais nas lavouras da região. Os mais velhos recebem aposentadoria. As plantações de cebola na comunidade dos Teixeiras continuam sendo cultivadas, porém em menor quantidade. Já as plantações de milho ocupam espaço bem expressivo entre os cultivos, pois servem tanto para o consumo humano quanto para alimentar as criações. Os cultivos de arroz também vêm sendo produzidos na comunidade dos Teixeiras junto a associação.

Nesse sentido, por meio das entrevistas realizadas com a família Dias e a família Carneiro, foi possível verificar que na Comunidade dos Teixeiras se destaca dois tipos de categorias organizacionais da produção, onde algumas famílias como é o exemplo dos Dias prodzem em pequena escala para o autoconsumo e com a comercialização do excedente.

Enquanto outras famílias como é o caso dos Carneiros produzem em maior escala, principalmente o cultivo do arroz. Sendo descrito de maneira mais detalhada, a organização socioprodutiva dessas duas famílias, como exemplos de formas de produção dentro da comunidade dos Teixeira.

4.3.1 Organização socioprodutiva na família dos Dias

A propriedade, localizada na comunidade quilombola dos Teixeira tem 16 hectares de terra divididos entre quatro famílias. Estas terras pertenciam ao seu Luiz Lemos Dias que deixou de herança para seus quatro filhos dentre eles José Dias que constituiu a família analisada. Assim a família é composta por cinco pessoas, dona Eva com 53 anos casada com seu José de 57 anos e seus três filhos Raquel com 35 anos, Jaciel com 31 anos e Clarice com 23 anos. Na propriedade vivem apenas Eva, José e a Clarice; os outros filhos se casaram e foram embora da comunidade.

As atividades realizadas na propriedade são a pecuária, agricultura e processamento de produtos caseiros. Na agricultura destacam-se o cultivo de milho, batata doce, feijão, alface, pimenta, tomate, repolho, couve, cebolinha, salsa, variedades em chás, beterraba, cenoura, pomar de frutas como: abacate, banana, romã, bergamota, butiá, manga, mamão e limão. A família já plantou cultivos com referencia cultural sendo este o milho catete e o feijão sopinha, os quais, com o tempo, acabaram perdendo as sementes e deixando de cultivar em 2019. Fazem parte da Associação Quilombola dos Teixeira desde sua fundação.

A família cria 50 galinhas, 4 vacas, 3 terneiros, 2 cavalos e 10 gansos e comercializa apenas as galinhas. Assim a agroindústria caseira é o carro chefe da renda da família que também conta com o benefício Auxilio Brasil do Governo Federal e com o serviço de produção de canecas de porcelana personalizadas mediante encomenda, realizado pela Clarice para pagar as mensalidades da sua faculdade no curso de Biologia. Estas vendas ocorrem pelo Instagram.

A tomada de decisões dentro da unidade é definida por um consenso na família. Seu José realiza as atividades de criação e manejo dos animais, e agricultura, dona Eva divide as atividades igualmente com ele. Os produtos da agroindústria são processados pela dona Eva e pela Clarice, com a produção de pães, biscoitos, bolachas, doces, geleias, rapaduras, bolos de aniversário, salgadinhos e docinhos de festa (Figura 5).

Figura 5 – Eva Dias e os produtos que comercializa na Feira de Mostardas, RS.



Fonte: Elaborado pela autora, (2022).

A seguir os produtos que são produzidos na propriedade e comercializados na Feira Freguesia da Terra no centro de Mostardas, semanalmente na sexta-feira, e na temporada de veraneio, de dezembro a fevereiro, na praia de São Simão são, semanalmente aos sábado, e ainda, com venda sob encomenda para cidades vizinhas.

Tabela 3 – Produção da família Dias.

Produção da família		
Produtos	Unidade	Valor
Biscoito	500g	R\$ 10,00
Bolacha de coco	500g	R\$ 8,00
Bolacha de erva doce	500g	R\$ 8,00
Bolacha integral	500g	R\$ 10,00
Bolacha de maisena	500g	R\$ 8,00
Bolacha de milho	500g	R\$ 8,00
Bolacha mentirinha	500g	R\$ 8,00
Bolacha de nata	500g	R\$ 10,00
Palitinho de queijo	500g	R\$ 8,00
Bolacha de polvilho	500g	R\$ 8,00
Bolo de aniversário	Fatia	R\$ 4,00
Pão	Unidade	R\$ 6,00
Doce de vigo cristalizado	300g	R\$ 18,00
Doce de vigo compota	200g	R\$ 10,00
	300g	R\$ 18,00
	500g	R\$ 25,00
Doce de abóbora	200g	R\$ 10,00
	300g	R\$ 18,00
	500g	R\$ 25,00
Ambrosia	300g	R\$ 18,00
	500g	R\$ 25,00
Chimia de abóbora	200g	R\$ 10,00
Mumu (doce de leite)	300g	R\$ 18,00
	500g	R\$ 25,00

Geleia de banana de gravatá	300g	R\$ 18,00
Rapadura de amendoim	Unidade	R\$ 3,00
Rapadura de leite	Unidade	R\$ 3,00
Salgadinhos	100 uni.	R\$ 60,00
Docinhos	100 uni.	R\$ 60,00
Bolo de milho	Unidade	R\$ 14,00
Bolo de goiaba	Unidade	R\$ 14,00
Galinha morta	Unidade	R\$ 50,00

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A matéria prima dos produtos comercializados vem do mercado, o transporte para a feira é por meio de automóvel particular. A produção de ovos, leite e carne é somente para o autoconsumo familiar. O transporte para a feira é por meio de automóvel particular e o controle de custos é por meio de anotações. A família não recebe nenhum tipo de assistência da EMATER/ATER.

Por meio da análise dos dados da entrevista realizada com a família Dias concluiu-se que se organiza de maneira familiar a respeito das tomadas de decisões e realização das atividades produtivas. Dentro da comunidade dos Teixeiras fazem parte do grupo de produtores de menor escala, mais voltados a produção para o autoconsumo. Em seguida, será descrita a organização socioprodutiva da família dos Carneiros.

4.3.2 Organização socioprodutiva na família dos Carneiros

A propriedade é localizada na Comunidade dos Teixeiras e a família é constituída pelo casal e três filhos, vivem na propriedade José com 73 anos de idade, Osvaldina com 69 anos e Marcio com 42 anos, as filhas Marisa e Magda também moram na comunidade quilombola. Na propriedade desenvolvem pecuária com a criação de gado, suínos, ovinos, galinhas e na agricultura com cultivo de arroz, milho de plantas do seco como feijão, aipim, batata doce e cebola. Os ovos, carne, produção de plantas do seco são apenas para o consumo familiar.

A principal fonte de renda é da agricultura, com produção de é arroz e milhos, que nesse ano triplicaram a área plantada, para diversificar. A área própria da família é de 47 hectares e arrendam mais terra chegando a aproximadamente 115 hectares entre terra própria e arrendada. Nestas plantam 70 hectares de arroz e 26 hectares de milho (Figura 6).

Figura 6 – Produção de Arroz e Milho da família Carneiro, comunidade quilombola dos Teixeiras, Mostardas, RS.



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A tomada de decisões é realizada através de discussões entre os integrantes da família analisando o que é mais viável. A mão de obra da lavoura de arroz é do Marcinho, seu José e do Iltomar genro do seu José casado com a Magda. Dona Osvaldina cuida da roça de plantios do seco (feijão, batata doce, aipim, legumes) e do trato dos animais porcos, ovelhas, gado e galinhas. A família planta milho catete, um cultivo que tem referência cultural quilombola, mas desistiram do plantio de feijão sopinha, pois sofria muito ataque de formigas, o que dificultava a sua produção. Dona Osvaldina produz a farinha de milho catete para consumo familiar, que é a farinha branca, muito apreciada na região.

A implantação do milho nas áreas que anteriormente eram de arroz, é um processo que vem sendo executado há três anos, com o plantio em áreas mais degradadas e mais baixas e tem dado um resultado positivo com maior produtividade sobre o custo de cultivo. Assim a renda da família é oriunda da aposentadoria do casal, da produção de milho e arroz.

Em relação à comercialização dos produtos, o arroz vai para a Cooperativa Mostardense de Arroz para a secagem do grão e depois o representante da indústria compra diretamente e se encarrega do transporte dos grãos. Já o milho é vendido para terceiros, por meio de um atravessador para fábricas de ração. Os leitões e ovinos são, em sua maioria, comercializados para os vizinhos na maioria. O controle de caixa é realizado por meio de planilhas. Marcinho está fazendo um curso disponibilizado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) sobre gestão onde uma vez por mês recebe a visita do Engenheiro Agrônomo para dar assessoria de como gerir a propriedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim deste estudo, podemos concluir que, o município de Mostardas possui três comunidades quilombolas, que fazem parte do Litoral Negro Gaúcho, não somente por ter em seu território comunidades de remanescentes de quilombo, mas por se tratar de uma sociedade afro-açoriana, onde ocorre o resgate cultural e histórico por meio da organização das comunidades tradicionais. Tal organização resulta em grandes feitos para as comunidades e para a sociedade nos mais distintos âmbitos. Seja na saúde, na educação, na cultura, na pecuária, na agricultura ou na religião as comunidades quilombolas trabalham ativamente para preservar os saberes e resgatar sua referência ancestral.

Este estudo teve como foco de pesquisa a comunidade quilombola dos Teixeiras, localizada a 10 quilômetros da cidade de Mostardas e constituída por 80 famílias, com o objetivo de analisar alguns aspectos da organização socioprodutiva da mesma. Por meio da presente análise conclui-se que a ligação da comunidade vai muito além da subsistência.

Esse termo dentro da presente pesquisa exerce o papel de conector entre a parte da organização social e a parte da organização produtiva dentro da comunidade. Assim ligando o que produzem e os tipos de práticas agrícolas com o modo de organização interna e enquanto grupo para essa produção.

A organização socioprodutiva da comunidade evidencia a ligação dos sujeitos com o território; sendo que suas experiências cotidianas fomentam a organização e troca de saberes. As atividades produtivas são agrícolas e pecuárias, tanto para o consumo de subsistência como para a comercialização, gerando assim renda para a comunidade.

Além disso, por meio da organização social da comunidade ocorre o resgate dos cultivos com referência cultural como é o caso do feijão sopinha e do milho catete, cultivados na comunidade dos Teixeiras. É por meio da organização da comunidade que ocorre a troca de saberes, de sementes e, por conseguinte, de valores, que permite a interação entre os indivíduos, dando continuidade às vivências no meio rural.

Essa comunidade preserva uma grande ligação com sua história e trajetória, reforçando suas identidades. Por meio das estratégias de desenvolvimento dessas famílias ocorre o desenvolvimento rural do meio ao redor deles, tendo em vista que sua produção e seus saberes não ficam apenas na comunidade e contribuem para toda a sociedade por meio de sua organização.

Após o levantamento dos dados na Comunidade Quilombola dos Teixeiras, por meio de entrevistas com a família dos Dias e dos Carneiros, ficam ainda mais evidentes os diferentes tipos de organização socioprodutiva dentro da comunidade, de um lado a produção

em grande escala, e de outro a produção em pequena escala focada, principalmente, no autoconsumo. Percebe-se, porém, que entre estes dois polos distintos de organização socioprodutiva, existe uma heterogeneidade intermediária de situações vividas pelas distintas famílias dentro da comunidade, ou seja, existem diferentes dinâmicas de organização socioprodutiva dentro do quilombo dos Teixeiras.

A escolha da família Carneiro e da família Dias como objetos de estudo para complementar o levantamento dos dados a respeito da organização socioprodutiva da comunidade partiu da necessidade gerada pela falta de dados sobre essa temática na literatura, não sendo está suficiente para compreender a dinâmica sobre identidade, tomada de decisões, ligação com a terra e produção desenvolvidas na comunidade quilombola dos Teixeiras.

Assim, cabe salientar que a pesquisa de campo não tratou de buscar tipologias específicas de organização socioprodutiva da comunidade dos Teixeiras, mas sim, mostrar a existência desses dois polos extremos. Onde existe um polo de produção em maior escala com forte ligação com a associação quilombola e principalmente cultivo de arroz, e outro polo voltado ao autoconsumo e comercialização dos excedentes na feira local. Assim não sendo os únicos tipos de organização, existindo uma heterogeneidade na comunidade.

Para concluir cabe chamar a atenção que ao realizar o levantamento bibliográfico sobre a organização socioprodutiva da Comunidade Quilombola dos Teixeiras, averiguou-se a escassez de documentos e de pesquisas sobre o tema, não somente sobre a comunidade dos Teixeiras, mas sobre as comunidades quilombolas como um todo, ressaltando a importância de novas pesquisas nesse contexto.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, R. & CASTRO, E. **Negros do Trombetas: guardiães de matas e rios**. Belém: Cejup/UFPA-NAEA. 1988.

ALMEIDA, A. W. B. Quilombos: sematologia face a novas identidades. **In: Projeto Vida de Negro**, Frechal. Terra de Preto. Quilombo reconhecido como reserva extrativista, São Luís: Sociedade Maranhense de Defesa dos Direitos Humanos. Centro de Cultura Negra do Maranhão. Associação de Moradores do Quilombo de Frechal, 1996.

AMARAL, João J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. - Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2007.

AMARO, Jorge. **Associação Quilombola dos Teixeiras recebe Prêmio inédito**. Sustentabilidade, Acessibilidade e Inclusão. p. 3-7, 19 de Nov. 2021. Disponível em: https://sustentabilidadeeaccessibilidade.blogspot.com/2021/11/associacao-quilombola-dos-teixeiras.html?fbclid=IwAR26Wnj6PN8XsaQwzmIUfahNV2T1Qvx6Sn5_AGHFoMUql6eNS5DjioCqR1k. Acesso em: 25 de mai de 2022.

ANDRADE, M. C. Territorialidade, desterritorialidades, novas territorialidades: os limites do poder nacional e o poder local. **In: SANTOS, M.; SOUZA, M.A.A.; SILVEIRA, M.L. (orgs.). Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec-ANPUR, 1998.

ANJOS, H. P. **O ESPELHO EM CACOS: análise dos discursos imbricados na questão da inclusão**. 2006. 327 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. Fundo denominado de Arquivo Particular de Dario Futuro, Campos dos Teixeiras. **Arquivo Particular do Campo dos Teixeiras**. Datado do século XIX.

ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. Comunidades quilombolas do Rio Grande do Sul 2020. **Map. 2020 Comunidades quilombolas RS**. Rio Grande do Sul Atlas, 2021.

ARAUJO, A. S. C. **O direito ao título de posse de terra para os remanescentes dos povos quilombolas segundo o artigo 68 dos atos e disposições constitucionais transitórias**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso em Direito – Faculdade de Direito, Centro Universitário Tabosa de Almeida (ASCES-UNITA). Caruaru. 2019.

ARRUDA, Roldão. **Vitória Quilombola na Justiça Federal pode repercutir no STF**. Estadão. São Paulo, 23 de dez. de 2013. Disponível em: <http://racismoambiental.net.br/tag/adi-3239/>. Acesso em: 20 de abr de 2022.

BANDEIRA, Dione; BORBA, Fernanda; ALVES, Maria. **Mostardas – Quilombo Teixeira**. Ipatrimônio – Patrimônio Cultural Brasileiro (beta). Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/mostardas-quilombo-teixeira/#!/map=38329&loc=-30.648951846867366,-50.49762725830078,14>. Acesso em 9 de mai de 2022.

BASTOS, C. L.; KELLER, V. **Aprendendo a aprender: introdução à metodologia científica**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

BENEDETTI, Adriane. Luta por Reconhecimento e Construção de Identidade em Comunidades Quilombolas no Sul do Brasil. **Agroecologia e Desenv. Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, 33-42, maio/agosto, 2014.

BOCCATO V. R. C. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação**. São Paulo: Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo. 2006.

BRASIL. Artigo 68 da Constituição Federal – 1988. Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF. 1988.

BRASIL. **Decreto de extinção da escravidão no Brasil**. Rio de Janeiro, Paço do Senado. 13/05/1888. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/385454>. Acesso em: 13 de mai de 2022.

BRASIL. **Decreto nº 4,887, de 20 de novembro de 2003**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 21/11/2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm. Acesso em: 13 de maio de 2022.

BRASIL. Notícias do STF. **PGR se manifesta pela improcedência da ADI 3239**. 2012. Disponível em: <https://stf.jusbrasil.com.br/noticias/3091662/pgr-se-manifesta-pela-improcedencia-da-adi-3239>. Acesso em: 15 de mai de 2022.

BOBBIO, N. **Igualdade e liberdade**. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora Ediouro, 1997.

CERVO, A.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 4.ed. Rio de Janeiro: Markron Books, 1996.

CPISP. **Teixeiras**. Comissão Pró-Índio de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://cpisp.org.br/teixeiras/>. Acesso em: 9 de mai de 2022.

COHEN, Bruce. **Sociologia Geral**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1980. Consultado em 27 de abri de 2022.

DADOS SOBRE A COMUNIDADE QUILOMBOLA DOS TEIXEIRAS. Fornecidos pelo técnico extensionista da EMATER/ATER de Mostardas em 2022.

DADOS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DA COMUNIDADE DOS TEIXEIRAS. Fornecidos pelo Vereador Jorge Amaro doutor em Políticas Públicas – POLPUB – UFRGS.

DICIO. Dicionário Online de Português. **Quilombola**. 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/quilomba/#:~:text=Significado%20de%20quilombo,de%20viol%C3%A2ncias%3A%20Quilombo%20dos%20Palmares>. Acesso em: 27 de abri de 2022.

FIABANI, Adelmir. Quilombos e comunidades remanescentes: resistência contra a escravidão e afirmação na luta pela terra. **Revista de Estudios Brasileños**. v. 5, n. 10, p. 40, 2018.

FREITAS, T. L. **As buscas pelo Bem Viver Quilombola: Resistências, re-significações e traduções culturais identitárias no Quilombo dos Teixeiras, Mostardas/RS.** 2016. 161 f. Dissertação. (Mestre em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Políticas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FURTADO, M. B. Sucupira, R. L., & Alves, C. B. (2014) Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural. **Psicologia & Sociedade**, 26(1), 106-115.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GOIS, G. R. **O papel da agricultura e do trabalho não agrícola na reprodução socioeconômica de famílias quilombolas na Serra dos Tapes, Rio Grande do Sul: um olhar sobre perspectivas de desenvolvimento local.** 2019. 132 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

GOMES, Flávio dos Santos. REIS, João José Reis. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GOULART, J. A. **Da fuga ao suicídio: aspectos da rebeldia dos escravos no Brasil.** Rio de Janeiro: Conquista/MEC, 1972.

HEGEL, G.W.F. **Werke in 20 Bänden.** Frankfurt: Suhrkamp Verlag. 1970.

HENDLER, V. M. **Entre plantar, comer e inserir a sociobiodiversidade na alimentação escolar: a experiência de Mostardas/RS.** 2021. 161 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados – Mostardas.** 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/mostardas.html>. Acesso em: 05 de abr de 2022.

LIMA, Felipe; SILVA, Renã; Martins, Tiago. Comunidades quilombolas, autoatribuição, território e sobrevivência cultural: aspectos relevantes do território ocupado por comunidades remanescentes de quilombos no Brasil. **Cadernos da Escola de Direito e Relações Internacionais**, Curitiba, v. 2, n. 15: 504 – 528, 2011.

MARQUES, G. P. **O cuidar feminino: saberes e fazeres tradicionais de benzedeadas quilombolas de Mostardas-RS.** 2019. 130 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019.

MARTINS, T. F. R. **O Territorialização étnica: sustentabilidade, desenvolvimento e a efetivação da cidadania plural dos quilombolas.** 2014. 168 f. Dissertação (Mestrado em Direito, Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional) - Programa de Pós-Graduação em Direito, Centro Universitário do Pará, Belém, 2014.

MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Capítulo 5: Surveys sociais: do desenho à análise. 3ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MINAYO, M. C. **Pesquisa Social, teoria, método e criatividade**. Capítulo 3: Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. Petrópolis: Ed. Vozes, 2009.

MONTEIRO, M. R. **O processo de reconhecimento das comunidades quilombolas e a efetividade das políticas públicas do programa Brasil quilombola**. 2014. 53 f. Monografia – Faculdade de Educação, curso de Pós-Graduação em Gestão de políticas Públicas em Gênero e Raça, Universidade de Brasília. Brasília, 2014.

MOLET, C. D. G. **PARENTESCOS, SOLIDARIEDADES E PRÁTICAS CULTURAIS: ESTRATÉGIAS DE MANUTENÇÃO DE UM CAMPESINATO NEGRO NO LITORAL NEGRO DO RIO GRANDE DO SUL (do século XIX ao tempo presente)**. 2018. 296 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do rio Grande do Sul, Instituto de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2018.

MOURA, C. **Quilombos: resistência ao escravismo**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

OLIVEIRA, Silvio. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**. São Paulo: Pioneira, 2ª edição, 2007.

PÉRET, B. Diário de Viagem do Capitão João Blaer aos Palmares em 1645. In **O quilombo dos Palmares**. Editora da UFRGS. Porto Alegre, p. 83-84, 2002.

PINHEIRO, Patrícia. **Saberes, plantas e caldas: a rede sociotécnica de produção agrícola de base ecológica no sul do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 2010.

POSSARI, Lucia. **Mídias Digitais Metodologia Científica**. Mato Grosso. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/430107/2/M%C3%ADdias%20Digitais%20-%20Metodologia%20Cient%3%ADfca.pdf>. Acesso em 03 de mai de 2022.

QUADROS, T. D. **A REGULAÇÃO DOS QUILOMBOS URBANOS: das rugosidades sociais dos territórios ao reconhecimento jurídico dos espaços pelo Estado**. 2020. 95 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Direito, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

RAMOS, J. D, D. **Identidade Quilombola: Mobilização política e manifestações culturais em Beco dos Colodianos, Rio Grande do Sul**. 2011. 189 f. Dissertação (Mestre em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

RODRIGUES, J. H. **História e Historiografia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.

RUBERT, Rosane. **Comunidades negras rurais no RS: um levantamento socioantropológico preliminar**. Porto Alegre: RS Rural, 2000.

SANTOS, Milton. **O dinheiro e o território***. Transcrição da Conferência de inauguração do Mestrado em Geografia da Universidade Federal Fluminense e abertura do ano letivo de 1999. São Paulo. p. 8, 1999.

SARMENTO, Daniel. Procurador Regional da República. **Territórios Quilombolas e Constituição: A ADI 3.239 e a Constitucionalidade do Decreto 4.887/03**. Parecer elaborado a pedido da 6ª Câmara de Coordenação e Revisão do Ministério Público Federal. Disponível em: http://6ccr.pgr.mpf.mp.br/documentosepublicacoes/artigos/docs_artigos/Territorios_Quilombolas_e_Constituicao_Dr._Daniel_Sarmiento.pdf. Acesso em: 09 de mai de 2022.

SCHMITT, A.; TURATTI, Maria Cecília M.; CARVALHO, Maria Celina P. A atualização do conceito de Quilombo: Identidade e Território nas definições teóricas. **Ambiente & Sociedade**. Campinas. v. 5 – n.10 p. 4-5, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/asoc/n10/16889>. PDF. Acesso em: 02 mai. 2022.

SILVA. D. N. **Leis abolicionistas**. Mundo e educação UOL. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/as-leis-abolicionistas.htm>. Acesso em 03 de mai de 2022.

SOUZA, Daiane. PORFÍRIO Denise. **Os territórios quilombolas como espaços de preservação da identidade nacional e do meio ambiente**. Fundação Cultural Palmares. 2021. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/?p=19123>. Acesso em: 15 de mai de 2022.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. **PGR se manifesta pela improcedência da ADI 3239**. Justbrasil. 2012. Disponível em: <https://stf.jusbrasil.com.br/noticias/3091662/pgr-se-manifesta-pela-improcedencia-da-adi-3239>. Acesso em: 28 de mai de 2022.

APÊNDICE:**Apêndice A**

Entrevista sobre a organização socioprodutiva.

Roteiro:

1. Como é constituída a família?
2. Quais as atividades desenvolvidas na propriedade? Atividades agrícolas e/ou atividades não agrícolas.
3. O que é produzido na propriedade?
4. Como a família se organiza para a produção agropecuária? Quem faz o que?
5. A matéria prima é própria, ou compram de outros produtores ou do mercado?
6. Como é feita a embalagem dos produtos, existe rotulagem?
7. Existe alguma ligação com cultivos com referência cultural, como o milho catete e o feijão sopinha?
8. Como é realizada a tomada de decisões: Quanto vai ser produzido?, Quem produz?, Como é organizada a mão de obra?
9. Como ocorre a comercialização dos produtos?
10. A renda dos integrantes da propriedade é derivada de quais atividades? A família conta com algum benefício do governo na sua renda.
11. Qual a temporada de sazonalidade dos cultivos?
12. Como é realizada a gestão da produção, ocorre o controle dos gastos, existem planilhas, anotações ou programas?
13. Existe uma média do que é utilizado para o consumo e o que é comercializado?
14. A família tem ligação com a Associação Quilombola?
15. A família recebe algum tipo de Assistência Técnica e Extensão Rural?
16. Caso receba assistência, quais mudanças, conhecimentos e experiências foram estabelecidas através da assistência?